

URGE UM PROGRAMA ATUALIZADO PARA O EXÉRCITO BRASILEIRO

Tenente-Coronel LEONIDAS PIRES GONÇALVES,
Oficial de EM.

PALAVRAS INICIAIS.

Não se impõe que nos valhamos de exemplos dos outros países — embora se saiba que a maioria cumpre algum — para assinalarmos a importância, a utilidade indiscutível de um programa atualizado, racional e orientador para nosso Exército.

Todos temos visto ressaltado, nitidamente, em nossa vida profissional, quer pelo estudo, quer por episódios vividos, o valor incontestável da previsão, do planejamento.

Prever, planejar, é o que ouvimos desde os primeiros momentos da carreira militar.

Por isto consideramos tarefa ociosa dizer algo do significado do planejamento: seria falar sobre o óbvio.

Nosso intento, no presente artigo, não é — está evidente — estabelecer um programa detalhado para o Exército Brasileiro: esse trabalho deverá ser de uma equipe, para cuja formação dispomos de excepcionais elementos.

Nosso fito é outro.

É dizer:

— PORQUE SE IMPÕE UM PROGRAMA;

— COMO, BASICAMENTE, ESSE PROGRAMA.

É chegar à CONCLUSÃO de que seu cumprimento só será possível se houver esforço invulgar e unidirecional, de todos nós; é — e sobretudo — clamar por seu estabelecimento em curto prazo.

Para findar este intróito, uma elucidação: fugiremos às sutilezas, de palavras e de pensamentos.

É que precisamos ser claros.

É que desejamos dizer as coisas com franqueza de soldado.

PORQUE SE IMPÕE UM PROGRAMA.

O Exército Brasileiro vive nos dias presentes, sob o ponto de vista profissional — e isto é verdade irretorquível — um dos períodos mais difíceis, mais penosos, de toda sua existência.

E por que isso?

Deixou de existir ou perdeu, acaso, a validade o que poderíamos chamar **objetivos permanentes** de nossa instituição?

Não. Legítimas, verdadeiras, são ainda nossas tradicionais missões: há possíveis inimigos externos e internos, contra os quais devemos estar atentos e preparados; e, principalmente, muito temos ainda que cumprir da histórica e elevada missão de propiciar, de catalisar e de realizar a integração nacional, garantindo a lei e a ordem. Num país de características como as do Brasil, onde os fatores de desagregação (geográficos, econômicos e sociais) são tão atuantes, o trabalho aglutinador, a tarefa estabilizadora do Exército é — e o será não sabemos até quando — irrefutavelmente imprescindível.

Mas, considerando que a missão é o **supremo estímulo** para uma organização e as nossas subsistem em sua plenitude, como compreender o desânimo, a descrença, o desestímulo (confessamos sem medo, para que possamos encaminhar uma solução) que campeia em nosso Exército?

Ou será que essa afirmativa não é a verdadeira? Pensamos existirem fatos que a demonstram. Focalizaremos apenas um aspecto, mas que julgamos denunciador e principal: o comportamento do homem em face à instituição.

Assim, como justificar a crescente evasão, no quadro de oficiais, de elementos em pleno vigor profissional e físico?

Como explicar a presença, nefasta por todos os motivos, da palavra "reforma" em bocas jovens? Há oficiais, muito moços ainda, que sabem de cor — estarreçam! — o tempo exato (anos e dias) que lhes falta "p'ra ir para casa".

Como entender a preferência que oficiais têm por cursos em universidades civis ou pelo magistério militar, em lugar do curso de estado-maior ou técnico?

Existe algo profundamente errado em tudo isso, que traduz — sem dúvida — desinteresse profissional-militar!

Falta de "élan" — explicam os simplistas, como se "élan" fôsse sentimento primário, e, não, conseqüente como é. Tem-se "élan", tem-se entusiasmo, por algum motivo: porque nos julgamos úteis, porque nos imaginamos eficientes, porque nos sentimos compensados em nossas aspirações e ideais.

"Élan" sem essas condições é "carreirismo", é mentira para enganar outros ... em benefício próprio.

Atração pelas possibilidades materiais que apresenta a vida civil — dizem os práticos, não vendo, ou não querendo ver, esta incômoda verdade: a maioria de nossos reformados moços não saiu atraída pelas promessas da vida civil, fugiu — isso, sim — das decepções, dos inevitáveis desenganos profissionais (agravados pelas notórias e sistemáticas dificuldades financeiras), tentando, a duras penas, uma adaptação ao novo meio. E não são rosas essa aclimação, êsse abandono dos anelos de mocidade.

Falta de ideal — criticam os mais intolerantes. Somos de opinião de que um ideal ou se desfruta ou se luta por êle, mas jamais se lhe suportam, passivamente, os desenganos.

E, na hipótese de não se desfrutar o ideal profissional-militar, como deixar de suportar-lhe os desenganos? As lutas cabíveis serão mal compreendidas em nosso meio, pois parecerão crítica destrutiva à instituição, aos chefes, e, para muitos, indisciplina.

E não olvidemos: a disciplina é o fulcro de nossa organização — é intocável, é uma deusa. Ninguém perdoa os "iconoclastas", daí a desistência da luta por parte de tantos...

Mas até quando a disciplina formal — menos autêntica do que a disciplina consentida — impedirá o livre curso das idéias, das sugestões que veiculam os mais puros e são propósitos?

Para nós, os comportamentos assinalados, denunciadores da situação difícil que vive nossa organização, têm explicação diversa das que consignamos e analisamos.

Eles se originam de uma única circunstância: **frustração profissional**. Isto é, descrédito no presente, falta de esperança no futuro. Descrédito e falta de esperança que vêm, danosamente, comprometendo o pleno alcance dos objetivos permanentes da instituição.

Mas de onde promana, enfim, todo êste mal?

Da **desatualização** em todos os aspectos, da **multidimensional desatualização** em que se encontra nosso Exército. E do cortejo (que "real" cortejo!) de erros que a acompanha.

Essa desatualização e êsses erros, que se agravaram com os anos, atingiram, na quadra presente, nível altamente nocivo e desagregador, já que se tornaram palpáveis, reconhecíveis, verificáveis por todos, profissionais ou não.

Nosso atraso em relação às nossas próprias possibilidades é manifesto. Podemos, mesmo, afirmar que jamais estivemos tão distantes, em tôda a nossa história, do que poderíamos chamar "exército-padrão brasileiro". (*)

Os motivos são múltiplos. A falta de poderosa infra-estrutura econômica e técnico-científica de nosso país é, sem dúvida, um dos fatores de grande responsabilidade. Mas também o é — e a isso desejamos dar ênfase — nossa falta de orientação, de união nas ações, de audácia e determinação para enfrentar a magnitude das "tarefas necessárias" (**).

Esses cometimentos poderiam ser levados a efeito — temos a mais plena convicção — com as nossas disponibilidades econômicas, com a nossa técnica e, particularmente, com a nossa capacidade profissional, colocando-nos bem próximos do "exército-padrão brasileiro" a que nos referimos.

(*) "Exército-padrão brasileiro" — denominamos a um exército cujas características fôssem estabelecidas em função das exatas necessidades e possibilidades do Brasil.

(**) "Tarefas-necessárias" — convencionamos chamar estas realizações que o consenso geral julga devam ser cumpridas para recuperar nosso Exército.

As disponibilidades econômicas com que contamos não seriam tão insuficientes se mais racionalmente aplicadas; a técnica brasileira já nos poderia assegurar razoável apoio, uma vez que evolui a passos cíclicos; e a capacidade profissional militar é boa, julgamo-la tão eficiente que, quando cotejamos a situação existente e os expoentes profissionais disponíveis, nos confundimos sem achar explicação para a desconformidade.

O que está faltando — repetimos — é orientação, é ação conjunta, é grandeza em nossas decisões e ações, é determinação, é entusiasmo profissional.

Mas como conseguir isso?

Onde encontrar a solução?

Não há fórmulas messiânicas. O caminho é — como o foi em todos os tempos e em todos os lugares — um só: através do homem.

Temos de criar e implantar estímulos psicológicos capazes de inspirar os componentes de nossa instituição, de influir sobre todos nós, e fazer renascer o interesse e a crença profissional de que necessitamos para soerguer o Exército.

Será esta missão exequível? Como passar das palavras à realidade? Como reconstruir tal fortaleza de ânimo?

Hoje em dia, mais do que nunca, o homem — para que o faça vigorosamente bem — quer saber, quer entender os motivos reais por que labora, por que luta, por que se sacrifica.

Por isso, somos de parecer que a solução para conseguir a motivação desejada no Exército seria: primeiro, reestudar e redefinir os objetivos imediatos de nossa instituição, de modo que, correspondendo às verdadeiras necessidades nacionais e institucionais, sejam facilmente apreendidos, identificados e compreendidos — não nos esqueçamos de que os objetivos permanentes a que visamos, já por sua extensão, já por sua subjetividade, são difíceis de ser bem avaliados; segundo, corrigir os erros cujo entendimento traz a frustração profissional, os erros que, facilmente verificáveis por elementos não profissionais, motivam, ainda, o nosso desprestígio.

Em outras palavras, enfrentar, com determinação e objetividade, a consecução das "tarefas-necessárias".

Só um programa — o PROGRAMA DO EXÉRCITO BRASILEIRO — seria, em nosso entender, instrumento hábil e capaz de cumprir estas realizações.

Bem estruturado, realístico e atual, poderia ter o dom de reacender a chama de estuante entusiasmo profissional, de determinar o que a sociologia denomina "ação conjugada", já que estabelecer e explicaria, de modo claro, a todos os componentes do Exército, nossas tarefas, justificando, outrossim, nossos sacrifícios profissionais, além de deixar patente a intenção de corrigir os atuais erros.

Teria a função de uma partitura para a orquestra: orientaria, daria certeza a todos — mesmo aos que julgam realizar tarefas mais insignificantes — de que cumprem trabalho indispensável, e, principalmente, asseguraria a convicção plena de que nossos atos colimam um mesmo fim, prévia e racionalmente estabelecido.

Tal programa, divulgado com propriedade, poderia mobilizar a opinião militar e assegurar o “tonus” profissional de que necessita nosso Exército para bem alcançar seus múltiplos objetivos imediatos e, conseqüentemente, os permanentes.

Eis porque julgamos “Urge um programa atualizado para o Exército Brasileiro”.

COMO, BÁSICAMENTE, ESSE PROGRAMA

Nesta parte de nosso artigo — e isto fica bem explícito com o subtítulo acima — nos ateremos, particularmente, às características gerais de realização, ao “como” do programa em pauta, e não ao seu conteúdo.

Duas as razões.

Primeira, porque julgamos que a parte intrínseca dêste empreendimento jamais poderia, em virtude de seu vulto e dos detalhes que importaria, ser tarefa para um só e, muito menos, objeto de um simples artigo.

Por outro lado, um estudo de aspecto genérico de seu conteúdo (o que seria, pelas proporções, cabível) não teria propósito ou finalidade, porquanto pouco ou mesmo nada poderia ser ventilado que não fôsse do conhecimento de todos, ou melhor, do consenso geral.

Assim, deixariam de constar, por acaso, de um PROGRAMA DO EXÉRCITO BRASILEIRO assuntos como os que se seguem?

- A preservação dos ideais democráticos (e conseqüente combate ao comunismo) ser definida como um dos objetivos imediatos de vulto de nossa instituição, de modo a possibilitar a necessária iniciativa para lutar contra as insidiosas, sorradeiras e atuantes técnicas revolucionárias;
- A revisão da estrutura administrativa do Exército, a fim de ordená-la e modernizá-la, tornando-a mais eficiente e econômica;
- O exame da rearticulação de nossas forças em território nacional, de maneira que modifique a atual solução, em que as regiões da Amazônia e do Nordeste continuam dispondo de efetivos federais insuficientes para cumprir as tarefas de vulto (sociais, econômicas e militares) que lhes cabem, quando no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro (GB) está, por motivos já ultrapassados, sediada a maioria das unidades do Exército Brasileiro;
- O reestudo das Leis de Inatividade e de Promoções, a fim de evitar a irreabilidade funcional da reserva, de assegurar equi-

livrio justo de acesso para as diferentes gerações, como já procurou obter-se entre as diversas Armas, além de, corajosamente, buscar selecionar os mais capazes;

- A análise da reorganização de nossas DC que continuam à base **hipo** (esclareça-se que os melhores animais são estrangeiros), quando nossa indústria automobilística já é uma realidade e criação de equiino está, no Brasil, em crescente abandono;
- A revisão da organização de nossas Artilharias de Costa e Anti-aérea, que, por obsoletas, merecem ter a maioria de suas atuais unidades extintas em proveito de um programa modesto, mas real e objetivo, sobre mísseis, valendo-nos dos hábeis técnicos de que dispomos;
- A reestruturação dos serviços;
- E tantos outros assuntos...

Não somos todos acordes de que, na presente quadra, nosso Exército deveria ter as seguintes características: pequeno; altamente qualificado (Pessoal e material) e móvel; bivalente sob o ponto de vista tático-estratégico, isto é, em condições de bem cumprir missões internas e externas; capaz de, se necessário, evoluir para uma grande corporação?

Muitos outros assuntos poderiam ser mencionados como merecendo nossa atenção. Todavia não o faremos, pois são do domínio geral: todos nós sabemos deles. E mais que isto: a maioria tem, pelo menos mentalizada, uma solução.

Segunda razão, porque pensamos que o "como" do programa mereça mais nossa consideração e sugestões, uma vez que, para nós, é o aspecto mais difícil que encontraremos na tarefa de solver nossos problemas básicos.

Como vemos a realização do programa?

Somos dos que supõem que com atividade de rotina, tão-somente são solucionados... problemas de rotina. Jamais conseguiremos realizar grandes tarefas, com miniaturais processos rotineiros.

Daí nossas sugestões.

A nosso ver, as características gerais de realização de um programa que tenha em mira alcançar, integralmente, as metas visadas devem ser:

- **constituir-se em uma campanha** — campanha técnica e planejada, orientada e realizada, capaz de mobilizar a opinião militar, polarizando, empolgando mentes e corações;
- **ter caráter amplo, completo e harmonioso** — isto é, cobrir todos os problemas, ordenada e hierarquicamente, analisando-lhes as minúcias, inclusive nas suas interdependências, de modo que, ao fim, se obtenha peça coerente, monolítica. Devem ser evitadas as soluções parciais ou "soluções-remendo", que, sem grandeza, tímidas, só fazem é transferir os problemas para as outras gerações;

- ser realístico, exequível, original e audacioso — em outras palavras, ajustar-se, exatamente, às nossas necessidades, considerar as limitações impostas pela infra-estrutura econômica da Nação e, finalmente, adotar, sem temores, soluções novas;
- ter aplicação progressiva — de tal modo, que cada passo dado facilite e entusiasme a consecução do seguinte;
- ter aspecto técnico e científico — ou melhor, valer-se de tudo que o conhecimento humano já estratificou, inclusive no terreno das ciências sociais, não deixando as realizações entregues ao empirismo, às vontades individuais ou ao acaso;
- e, acima de tudo, ser estabelecido urgentemente, obedecendo prazos inadiáveis, previamente fixados, uma vez que não cabe mais qualquer espera.

Como a mecânica da realização?

Aquela que, acertadamente, a instituição assegura: o dínamo da fase de planejamento — o Estado-Maior do Exército; os executores — todos aqueles diretamente envolvidos no problema, obedecendo aos liames hierárquicos.

CONCLUSÃO.

A finalidade dessas últimas considerações é, mais uma vez, pôr em destaque os seguintes aspectos do tema que tratamos:

- nosso Exército está merecendo que todos nós lhe dediquemos atuação muito especial, uma vez que os males, conseqüentes da **desatualização** em que se encontra e dos erros que o afligem, estão atingindo o cerne da instituição — o **HOMEM** — tornando-o, inequivocamente, desestimulado, sem ânimo para as fainas profissionais, o que poderá trazer conseqüências imprevisíveis;
- um programa — o **PROGRAMA DO EXÉRCITO BRASILEIRO** — poderá ser e estabelecer o roteiro certo para debelar a presente crise, já que é capaz de realizar as mudanças construtivas a que aspiramos;
- as dimensões dêsse programa são continentais, daí constituir um desafio para todos, chefes e subordinados, desafio à nossa vitalidade profissional, que só poderá ser vencido com esforço inulgar, conjunto e unidirecional;
- o seu estabelecimento não é necessidade remota, **mas imediata**;
- impõe-se sua realização, sob pena de todos nós, os atuais componentes do Exército, termos de arcar com o mais degradante — porque sempre justo — dos veredictos: a crítica irrecorrível e condenatória dos pósteros.